

Jardins Abertos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Jardins Abertos

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

Gabriel Pundek Scapinelli

FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
2011

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo como requisito parcial para a obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Orientadora: Prof. Lino Bragança Peres.
Co-orientação: Prof.^a Nara Milioli

Banca Examinadora:

Prof. Luís Roberto da Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Vanessa Dorlenes
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Fernanda Maria Mensezes
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis, 10/08/2011

RESUMO

A partir da problemática dos Vazios Urbanos contidos na cidade, esse trabalho se desenvolveu na prática de imersão e investigação das qualidades desse espaço, para por fim, contrapor jardins abertos, como espaço público, sobre essas terras vagas. A sobreposição do tema do jardim à esta problemática é uma estratégia a potencializar os aspectos intrínsecos do vazio como abertura, onde se permite o movimento, o espontâneo e a experimentação.

Articular um dispositivo arquitetônico para a percepção desses espaços ‘vazios’ vem a demarcar essa existência, e evidenciá-la ao cidadão. Explicita-se assim a possibilidade de usos e envolvimento nesses espaços, num sistema de áreas verdes, indefinível, incontrolável, o qual assume importância dentro da cartografia afetiva pessoal, como um espaço do imprevisto e da apreciação da paisagem.

Palavras Chaves; Espaço, Paisagem, Jardim, Terreno Baldio, Dispositivo.

“O cotidiano será, um dia ou outro, a escola da desalienação”

Milton Santos. Espaço do cidadão. 1987.

INTRODUÇÃO

p. 11

O VAZIO URBANO

p. 15

PRÁTICAS NO ESPAÇO

p. 23

JARDINS

p. 55

TORRE-NÔMADE

p. 65

BIBLIOGRAFIA

p. 83

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Entender e usufruir dos vazios urbanos como jardins são possibilidades imanentes ao investigador do espaço. Lembro-me na infância, das aventuras proporcionadas pelos terrenos baldios, onde utilizava das árvores como arquitetura, descobria brinquedos nas folhas, nos galhos, descobria os diferentes seres. ‘voávamos’.

O terreno baldio remete aos sonhos, por não haver em si formalidades ou vigias. Atrai para si os curiosos e apaixonados, que enxergam beleza nesses vestígios da natureza. Um local, que em seu abandono, ocasiona surpresa, o inusitado e a descoberta da paisagem. O terreno em desuso é rapidamente tomado pela natureza. Em pouco tempo surgem animais e vegetais onde antes havia agricultura, ou mesmo construções (espaço-ruína). Gramíneas, capins, cipós, arbustos, samambaias, ervas, orquídeas são componentes vegetais do jardim aberto. Um jardim feito de movimento e sobreposições instáveis, o qual não se pode controlar.

O indicativo da possibilidade de envolvimento com tais terrenos alude a um sistema de espaços verdes contido na cidade, sendo que tais espaços carregam em si um potencial biológico e cultural, que poderia ser destacado num tratamento paisagístico. Um sistema de áreas verdes ‘rizomático’ e em constante transformação, possível de ser tomado por pequenos gestos e invasões. A imersão no terreno baldio é um movimento a ser permitido, na busca pela qualidade do espaço utópico.

Nota-se a falta de calçadas, passeios, ciclovias, assim como praças, parques ou centros comunitários na maioria dos bairros da periferia de Florianópolis, isso enquanto a terra vaga se encontra cercada. Porém é através desses espaços de convivência que o homem pode se colocar como sujeito coletivo e assumir uma postura ativa para o seu desenvolvimento social.

Para o paisagista Gilles Clement (2004) o sentimento de finitude ecológica converte os limites da biosfera em um recinto; o jardim planetário. Saliencia-se a necessidade de cidadãos jardineiros, assim como de canteiros dentro da mancha urbana, para garantir a diversidade biológica e maior harmonia com essa. Nesse aspecto o jardim movimento proposto pelo paisagista se assemelha muito ao terreno baldio. Assim, a dinâmica de investigação para entendimento dos jardins públicos na cidade de Florianópolis, poderia abstrair o conceito clássico de jardim, para encontrar novas possibilidades de jardins na organicidade que se estabelece em qualquer solo exposto ao sol e a água.

Pretende-se neste trabalho evidenciar as relações entre o jardim e os resíduos urbanos, propondo dispositivos para a percepção da paisagem.

No primeiro capítulo, enfrento a problemática do terreno vago como propriedade de terra, um processo de acúmulo de capital e especulação financeira que cerca enormes terrenos nas periferias, enquanto faltam espaços e infraestrutura pública nestas mesmas áreas. Uma leitura política sobre a função social da propriedade, largamente descrita por Urbanistas como Ermínia Maricato, Flávio Villaça, ou Cândido Malta Campos Filho.

No segundo capítulo desenvolvo um processo de interpretação da paisagem. Busco o percurso/passeio como envolvimento perceptivo e propositivo de uma cartografia, para daí fazer uma enumeração de vinte terrenos baldios contidos dentro da área de estudo

(Lagoa-Campeche). No paralelo entre a investigação em campo e a teoria uso da referência do arquiteto italiano Francesco Careri (2002), para trabalhar o percurso como prática estética. Também desenvolvo um ensaio a respeito de afinidades entre a arte e arquitetura, como as leituras sobre terrenos, ruínas e monumentos feitas por Robert Smithson entre outros artistas da década de 70.

O terceiro capítulo é composto por um apanhado de relações entorno do tema do jardim, busco entender as características contidas nestes espaços ao longo da história e suas relações com a condição pós-moderna. Neste, o entendimento do conceito de jardim movimento, do Paisagista Gilles Clement, funciona como chave para a relação entre terrenos baldios e a proposta conceitual de jardim aberto.

Finalizo o trabalho propondo estudos sobre imagens e mapas de um jardim aberto, assim como sobreposições de experiências. Cabe a sugestão da prática de recorte-colagem, em sobreposições múltiplas, na atenção para não cristalizar a paisagem. Assim as imagens coladas vêm a confundir o limite da realidade, do possível, evidenciando aspectos de sonho contidos em tais cenários. Por fim, desenvolvo um dispositivo nômade, reator de percepção, a se instalar em terrenos residuais reivindicados pela comunidade.

O VAZIO URBANO

Florianópolis teve nas últimas décadas um processo de urbanização constante, ruas e construções, muitas vezes se fizeram de forma indiscriminada sobre mangues, restingas, morros e bacias hidrográficas. Um arquipélago de natureza singular, que sofre sucessivos recortes e camadas de concreto. A população que em 1940 era de 25 mil pessoas, em 1980 era de 150 mil pessoas, e em 2005 já se aproximava da marca de 400 mil pessoas (dados do IBGE. 2010), tendo uma média de 10 mil novos moradores por ano na última década.

Porém o subúrbio de Florianópolis está repleto de terrenos ociosos, grandes glebas cercadas, preenchidas por pasto, pinus, outdoors. Ao mesmo tempo essa periferia carece de áreas públicas, as ruas são estreitas, as cercas dos condomínios avançam na calçada, as orlas são aterradas. A capital catarinense é carente de parques, praças, espaços formais para atividades de lazer, cultura, ou comunitária, pois reproduz uma ocupação urbana privatista, fruto de uma situação política dominada pela direita liberal há muitas décadas. A cidade empresa abre os planos diretores às intervenções de empresários, e a burocracia emite acordo com a ineficiência do controle ambiental, mantendo um ritmo acelerado de crescimento, gerando muito lucro aos construtores imobiliários. A verticalização intensa de bairros como Kobrasol em São José, Itacorubi em Florianópolis e Pagani em Palhoça dão indicio de novas camadas

de concreto sobre vales e planícies. Chegando ao ponto onde, novamente, os limites ambientais se confrontam com a cidade e se opõe ao seu crescimento.

O conceito de formação sócio espacial é determinado por Milton Santos (1977) como uma relação do trabalho do homem na produção do seu espaço, assim fica condicionada a paisagem ao resultado da interferência humana sobre a natureza, influenciado sobre tudo pelos meios de produção, suas leis e hierarquias, e carregando em si códigos e elementos referenciais ao conhecimento humano. 'Plantações, estradas, loteamentos, antenas e postes, arquiteturas, carregam em si a potencialidade de comunicar referências simbólicas e sociais da cultura.

A estratégia de reservar terras para a valorização financeira através da usurpação do valor embutido na construção da própria cidade acarreta num modelo de cidade que se desenvolve em torno de vazios urbanos¹. Os terrenos vazios cercam a cidade esperando sua expansão, mas também se mantêm no interior da mesma especulando novos potenciais construtivos. O vazio urbano aparece na cidade como imensas clareiras inacessíveis, são aberturas visuais, áreas homogêneas em meio às complexas sobreposições de tons da cidade, terrenos vagos, de pouca ou nenhuma utilidade prática para a sociedade, glebas cercadas, muradas, a espera de viabilidade comercial.

O surgimento desses vazios pode ser relacionado a uma colonização oligárquica fundamentada na propriedade de terra, qual se instalou no Brasil colônia e perdura até os dias de hoje. Porém tais grilagens e concessões não são as únicas formas de controle do solo. O vazio urbano aparece, dentro da conjuntura da cidade neoliberal, como uma estratégia de acumulo de capital, um investimento perspicaz reproduzido em todas as classes sociais.

¹ Villaça. (2001). Espaços de baixa demografia dentro do perímetro urbano, não qualificados como área livre de lazer, ou reserva ambiental, mas sim terrenos residuais.

Cercam-se os pequenos terrenos das favelas, loteiam as dunas para campos de golfe, muram as orlas de rios, praias e lagoas, vendem os mangues aterrados, compram as beiras de estradas, parecendo, hoje, impossível de se encontrar um terreno comunal, pois a privatização do solo se tornou um mercado rentável.

Uma dinâmica especulativa se cria entorno dos espaços mais visados da cidade; o centro, havendo logicamente uma supervalorização de tais espaços. Posteriormente os subúrbios vão sendo cogitados pelo capital especulativo como áreas de crescimento urbano, obras de infraestrutura são o estopim para a valorização e ocupação densa de bairros inteiros. Essa alavanca para o crescimento expande a metrópole periféricamente, com os incentivos a ocupações de novas áreas e a expulsão de moradores das áreas recém-valorizadas, processos de desapropriação do solo urbano que relocaram milhares de famílias para regiões a dezenas de quilômetros do centro da cidade e de seus trabalhos em locais sem infraestrutura básica.

“O progresso urbano vinculado a especulação, leva a fixação das camadas pobres em zonas desprovidas de serviços públicos, até o dia em que o crescimento da metrópole, também destes locais tenderão a ser expulsos se, por ventura, sua iniciativa política ainda continuar bloqueada.” (KOWARICK. 1979, p.67).

Na medida em que a cidade cresce os vazios vão se transferindo do centro para as periferias como um organismo atravessador da distribuição de terra e renda. Como consequência, há um padrão de assentamentos rarefeito e descontínuo, impedindo que uma massa humana seja beneficiada com bens de consumo e infraestrutura urbana. Chocam-se interesse econômico do imóvel e função social do imóvel.

O vazio urbano, muitas vezes, carrega em si conflitos, os quais surgem em termos por sua morfologia, sendo esses responsáveis por suas dificuldades para a ocupação. Temos terrenos com geologia acidentada, áreas alagadiças, barrancos em erosão, tipos vegetação protegida por lei, brigas por propriedade, são diversos os elementos compositivos do ponto de vista físico, ambiental e social.

Outra morfologia do vazio urbano é o vazio no cheio, um conceito definido por Ana Fani Alessandri Carlos (2007), como o espaço de impossibilidade de uso, o espaço sem identidade e apropriação social temporal, apesar de sua condição inserida ao espaço público.

“A metrópole cortada por vias de trânsito rápido, baseada na circulação sobre pontes e viadutos cada vez mais modernos, representa o vazio no cheio, caracterizado pela tendência à impossibilidade do uso dos espaços públicos e, como consequência, pelo distanciamento do indivíduo em relação aos lugares de realização da vida. Como a produção da identidade se realiza praticamente nos lugares de apropriação pela relação com o outro, sua constituição vai se realizar através de novos parâmetros. (CARLOS, 2007, p. 13).

O vazio no cheio corresponde ao espaço vazio da circulação privada, aos espaços sem possibilidade de construção correlativa, espaços sem possibilidade de encontro e permanência. Os vazios no cheio são um reflexo imediato da perda de sociabilidade do homem pós-moderno.

O mau uso do solo urbano, como a usurpação de investimentos públicos municipal, acarreta na luta de grupos sociais por normas a favor de um controle social e democrático do uso do solo.² Partindo da pertinência de substituição do conceito de desenvolvimento, por um mais social.

A constituição de 1988 vem a legitimar algumas das reivindicações populares ampliadas na ditadura militar, abriu-se espaço para leis de cunho social, quais pretendiam restringir a exploração do solo urbano, e facilitar a popularização do mesmo. Ficaram indicados dois instrumentos; o estatuto da cidade, qual foi legitimado e 2001, e a criação do plano diretor obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes. Porém tais leis absorvem aspectos dúbios, visto a sua amplitude e o controle destas por parte dos vereadores das cidades.

Segundo as diretrizes do estatuto da cidade, a terra urbana, apesar de poder ser privatizada, deve harmonizar-se ao interesse coletivo, não podendo ser imposta uma fábrica ou um shopping aonde a comunidade não os deseja. A terra urbana deve cumprir uma função para o desenvolvimento humano da cidade, devendo acolher um processo democrático para sua utilização com princípios sustentáveis e de qualificação social.

Entre as diretrizes do estatuto da cidade estão, o direito a terra, moradia, saneamento, transporte, infraestrutura, serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, como direito à cidade e a sustentabilidade, além de pensar em um desenvolvimento urbano pautado na participação popular, na retenção da especulação imobiliária e na justa distribuição dos benefícios urbanos. (As diretrizes do Estatuto da Cidade. Art. 21, inciso XIX).

2. Para Candido Malta Campos Filho (1999) O processo de clientelismo político esta impregnado no controle do uso do solo urbano, funcionando como um aparelho de dominação de uma Classe sobre a outra, e direcionamento das estruturas urbanas

Estão aqui resumidos, alguns instrumentos de indução do desenvolvimento urbano, quais questionam justamente os terrenos vazios ou subutilizados, que se localizam em áreas cuja urbanização e ocupação forem prioritárias para o benefício social. Definindo-se como mau uso da propriedade; retenção especulativa de imóvel urbano, que resulte na subutilização ou não utilização. (Estatuto da cidade. Brasília 2002 – Versão Comentada). Trata-se pontualmente de;

Parcelamento, edificação ou utilização compulsória (ARTS. 5º e 6º)

Medida a ser tomada de forma a obrigar o proprietário de imóvel urbano a utilizar esse com intuito social. Geralmente o proprietário está se utilizando da especulação imobiliária, a qual deve ser combatida. A indicação destas áreas urbanas no Plano Diretor, como áreas que não estão atendendo a função social da propriedade, indica que estas devem ser parceladas e repassadas aos interesses comunitários.

IPTU progressivo no tempo. (ART. 7º)

No prazo de descumprimento do prazo imposto pela prefeitura para o cumprimento do uso social do imóvel, o mesmo deverá sofrer o IPTU progressivo no tempo, um aumento do imposto territorial, durante cinco anos.

Desapropriação para fins de reforma urbana. (ART. 8º)

Decorrido 5 anos de IPTU progressivo sem atitude do proprietário, o município poderá proceder a desapropriação do imóvel, com pagamento de indenização em títulos da dívida pública.

Consórcio imobiliário (ART.46)

Trata-se da cooperação entre poder público e iniciativa privada, para fins de realizar urbanização em áreas que tenham carência de infra-estrutura e serviços urbanos e contenham imóveis urbanos subutilizados ou não utilizados. Através do consórcio, o poder público realiza obras de urbanização e o proprietário recebe uma quantidade de lotes urbanizados, correspondentes ao valor total das áreas antes de ter recebido os benefícios.

Direito de Construir (ARTS. 28 a 31) e Direito de Superfície (ARTS.21 a 24)

Parte-se da ideia de que a propriedade de um terreno não significa um poder ilimitado sobre ele. Assim em determinadas áreas não se pode construir sem que se cumpram normas de uso e ocupação. O proprietário pode conceder o direito de superfície do seu terreno, ou seja, o direito de uso e construção sobre o mesmo, por tempo determinado ou indeterminado (de acordo com contrato), favorecendo o uso social da propriedade.

Operações Urbanas Consorciadas (ARTS. 32 a 34)

Considera-se uma operação consorciada o conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo poder público municipal, com a participação dos proprietários e investidores privados, com objetivo de alcançar em uma área transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e valorização ambiental. É fundamental que tal reformulação urbanística esteja apontada no Plano Diretor da cidade. Podem ocorrer; modificações de índices, parcelamento do solo, regularização de construção.

Direito de Preempção (ARTS. 25 a 27)

Preferência ao poder público municipal na aquisição de imóvel urbano, indicado como necessário para a reforma urbana no Plano Diretor. Sua necessidade de uso pode ser diversificada; regularização fundiária, reserva fundiária, ZEIS, ordenamento e direcionamento da expansão urbana, implementação de equipamentos urbanos e comunitários, criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes, proteção de áreas de interesse histórico, cultural ou paisagístico.

É preciso enfatizar que esses instrumentos do estatuto da cidade só ganham aplicação prática quando conduzidos por leis municipais, havendo a liberdade de aplicá-los ou não.

É inegável a composição da cidade em um movimento de sobreposição de camadas ao longo do tempo. As transformações ocorrem como um processo de sedimentação constante, enraizado, sobretudo, em uma superfície histórica, cultural e geográfica. Estamos a discutir a velocidade e a intenção dessa sobreposição na contemporaneidade.

Os vazios urbanos são terrenos vagos que, ao invés de despertar e permitir acontecimentos fecham-se em si, negando a cidade. Essas reservas de terras especulativas ocorrem em toda cidade, vazios impermeáveis, sem uso, sem função, sem respeito às dinâmicas sociais e da natureza, são terrenos castrados, revirados, cercados e postos a venda. O espaço tornou-se mercadoria por excelência, assim unicamente quem dispõe de capital tem acesso à propriedade da terra.

PRÁTICAS NO ESPAÇO

O deslocamento é uma chave de descobertas da paisagem, ele proporciona diferentes focos, experiências, percepções sensoriais, podendo evidenciar realidades encobertas, esquecidas ou desconhecidas. O deslocamento curioso e investigativo transpassa o espaço comum, permitindo guinadas inusitadas, associações sensíveis sobre o meio, encontros com indivíduos, perambulações e longas permanências.

Se envolver com a imagem ambiental educa os olhos, desperta a percepção de sutilezas e camadas subterrâneas da paisagem, aproximando o homem de um habitar poético, harmônico as potencialidades naturais da existência.

O filósofo alemão Karl Gottlob Schelle, já aclamava pelo passeio no início do século XIX. Em seu livro; A arte de passear (2001), o autor defende o passeio como ampla possibilidade de encontros e sensações a alimentar o espírito, dando seguimento a cogitações metafísicas e cognições reflexivas, sendo fundamental para flunar certa leveza e despropósitos.

“É impossível flunar com um coração pesado de preocupações ou com a alma triste, e é preciso ser capaz de seções e se des-

fazer das preocupações e males para se deixar penetrar pela impressão revigorante e benfazeja de um passeio. Mas somente isso não basta para poder extrair tal impressão do passeio. Quando se considera o lugar, é preciso que sejam também reunidas as condições exteriores que não dependem do poder do passeante.” (SCHELLE. 2001. p.31)

O passeio para o flâneur destaca-se como atividade apaixonada de livre perambulação, devaneio, diversão e introspecção, na citação acima o autor defende a ideia de que apenas num estado de espírito despreocupado e em espacialidades acolhedoras ao deleite é que se pode liberar completamente o corpo a seu movimento errante com a mais profunda vitalidade, para por fim mesclar as sensações com o estado psíquico.³

Em *Fenomenologia da Percepção* (1994), Merleau-Ponty, define que as mudanças da estrutura da consciência ocorrem em um meio atento a uma postura ativa, o mundo é aquilo que percebemos dele em nossas experiências e nos sentidos incorporados. O contato com o vento, a água, a vegetação, o solo, os cheiros, o uso do espaço por pessoas ou animais, a amplitude visual, a luz solar, o contexto urbano, os barulhos, os acessos, os esconderijos, os acontecimentos inusitados, serão percebidos, se vivenciado por alguém que se comprometa ao deslocamento e permanência no espaço de forma atenta. Tal experiência em lugares apresenta-nos novos mundos, assim como quando conhecemos novas pessoas suas histórias e pontos de vista.

3. Walter Benjamin (1938) descreve o flâneur como um abandono corporal ao movimento na multidão, numa busca por refúgio e perdição de uma sociedade insegura, um devaneio nostálgico pelos espaços afetivos da cidade contra o ritmo alucinado da modernidade. O flâneur celebra o triunfo da observação, o detetive amador, o simples curioso, para os bairros de elite.

A apropriação estética do ato de caminhar é tida para Francesco Careri como uma das artes mais revolucionárias do século XX, o autor salienta que andar pode ser instrumento para a leitura e escrita simultânea do espaço, ampliando tanto o campo da arquitetura como o da arte. Em seu livro *Walkscapes; o andar como prática estética*, (2002), o arquiteto narra a percepção da paisagem através de uma história da cidade percorrida, desde o nomadismo primitivo, passando pelas práticas dadaístas e surrealistas, pelas experiências situacionistas e dos artistas da Land Art, Careri trata o deambular como forma de arte autônoma, como ato primário de transformação simbólica do território, instrumento estético de conhecimento e modificação física do espaço “atravessado” que se converte em intervenção urbana.

Durante o século XX, vários artistas e arquitetos começaram a questionar tanto a forma dos seus trabalhos quanto o contexto no qual seriam apresentados, assim os aspectos contextuais ganham ênfase na crítica artística, trazendo a tona a relação arte-cidade e arte-cotidiano, destacadas nos percursos e andanças. Grupos de vanguarda como, os dadaístas, surrealistas e situacionistas, mudaram códigos e suportes de linguagem para trabalhos que se envolvessem a fundo em aspectos cotidianos, propondo verdadeiras revoluções em seus manifestos. Uma contracultura que buscava a transgressão dos valores vigentes, em busca de novas possibilidades.

“Um período marcado pela tendência crescente para uma percepção sensual do espaço e pela ênfase no papel do observador. Foi durante esse período que a arte deixou o museu e aventurou-se nas ruas, em busca de um público maior. O interesse deslocou-se dos trabalhos autônomos e auto-referenciais para as instalações site-specific, envol-

vendo conceitos que incluíam a participação do público. Na arquitetura, as edificações tornaram-se mais permeáveis, seus programas estão cada vez mais flexíveis e interativos. Juntas, arte e arquitetura trocaram a criação de objetos para ser olhados, pela criação de ambientes para serem experimentados e utilizados.” (DORBURG, 2002, p.11)

O levantamento do lugar como um vetor discursivo fluído, permite à arte e à arquitetura uma maior distinção das identidades e singularidades características do meio em que se encontram, podendo desenvolver maiores diálogos com o próprio. Experiências poéticas em torno da linguagem arquitetônica vinculada com a essência de determinados lugares foram experimentados como obras de arte por diversos artistas e arquitetos. .

A arquitetura que se envolve com os aspectos simbólicos e perspectivos do espaço e busca se reintegrar aos significados do ambiente, assume o lugar e se integra com a sua naturalidade, caracteres e identidades, imprescindíveis para se criar um diálogo com a paisagem construída. Christian Norberg-Schuls (in NESBITT, 2006), destaca a compreensão da arquitetura como uma prática poética, tendo em seu propósito ajudar o homem a habitar, porém esse apoio existencial só pode ser integral quando essa compreende a vocação do lugar, o *Genius Loci*, aproximando o homem da paisagem habitada e permitindo-lhe habitar a mesma poeticamente.

4. A proposta arquitetônica dos situacionistas, à exemplo, descrita por Paola B. Jacques (2003), não visava apenas à construção de novas estruturas físicas, mas sim de uma nova percepção do espaço, de seus aspectos lúdicos, e cognitivos, sendo as derivas um exercício de percepção das condições psíquicas da cidade.

5. O termo *Genius Loci* é um conceito antigo, e indica o espírito do lugar, associando a cosmologia com a condição de fenômeno qual propiciou a própria formação do lugar, sendo-lhe imanente e inseparável.

A percepção de um espaço pode evidenciar um submundo oculto pelo andar em torpor, informando uma realidade complexa negligenciada pelos modos de vida produtivistas. Trago como exemplo o trabalho: “Un recorrido por los monumentos de Passaic”, de Robert Smithson pesquisado em (ÁBALOS, 2008), quando documentou através de textos, mapas e fotos o percurso realizado em Passaic, Nova Jersey em 1967, atendo-se principalmente às paisagens reviradas, erodidas e devastadas pelo avanço da cidade e suas indústrias. Tubos, ruínas arquitetônicas, aterros, entre outros dejetos adquirem o conceito de monumento em seu trabalho.



Woodshed, 1970 Robert Smithson

É nesse grupo de experiências que o terreno baldio aparece como um território de possibilidade para a invenção de paisagens no cotidiano, uma espacialidade dinâmica e orgânica que se enraíza nas possibilidades do lugar, em sua terra exposta e nas sementes que por ali germinam.

Na cidade é possível mapear uma infinidade de terrenos que se apresentam como possibilidades de serem experimentados a partir da sua natureza. O terreno baldio apresenta, no que se refere ao 'vazio', possibilidades de amplitude na percepção do entorno, proporcionando um lugar de respiro e visibilidade, além de permitir a existência de um conjunto de objetos produzidos na cidade. Dejetos, como pneus são incorporados pela vegetação ali existente, materiais depositados pela sobra de elementos da construção civil se transformam em bancos, marcos ou monumentos.

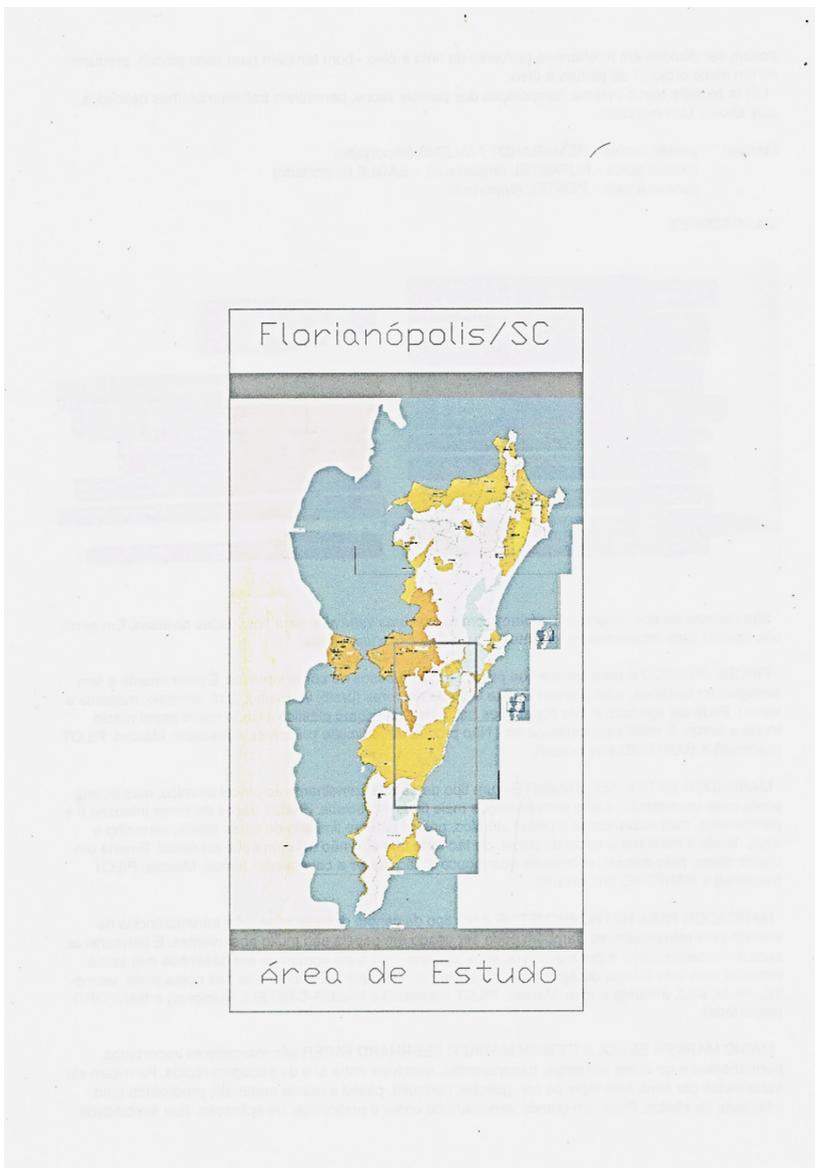
Nesse sentido, passei a ver em tais vazios, não só uma luta política e especulativa, mas, sobretudo, o vazio, como qualidade do espaço. Descobri neles, um lugar de encontro, de experimentações, um lugar para brincar de arqueólogo, de botânico, geógrafo, paisagista, um lugar que propicia as sensações do mistério, do inusitado, do pitoresco.

No percurso que diariamente fazia, entre os bairros, Campeche e Itacorubi, passando pela Lagoa da Conceição, percebi a disponibilidade de terrenos vagos, os quais passei a visitar e conviver, fotografando, marcando encontros com os amigos, piqueniques, fogueiras.

É a partir destas constatações que passo a perceber estes terrenos como jardins abertos, dotados de uma organicidade composta por diversificada vegetação nativa envolta aos elementos ali depositados.

O mapeamento de terrenos baldios desenvolvido, destaca um sistema de áreas verdes já existentes, e que pela sua instabilidade estão correndo o risco de serem indiscriminadamente ocupados por propriedades privadas.

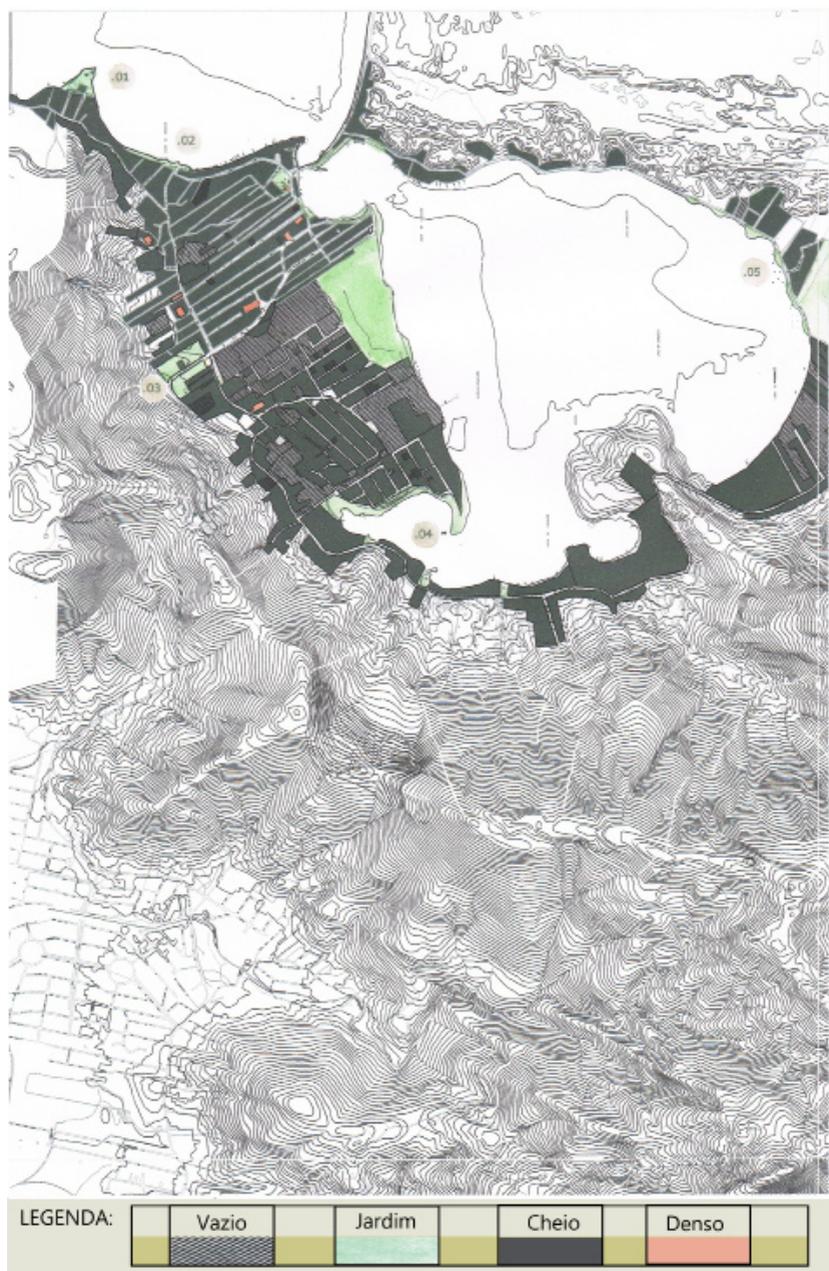
Apresento um levantamento cartográfico dos terrenos baldios mapeados com fotografias e narrativas.



Demarcação da área de estudo. Florianópolis, Mancha Urbana. 2010.



Figura 10 área de estudos. 1:75.000. Cheios sobre base cartográfica.



Mapa de jardins1.



.01. Ponta das Almas. Lagoa da Conceição

A ponta das almas é uma grande área livre de lazer para a comunidade de Florianópolis. Um sítio arqueológico preservado, com suas ‘colinas sambaquis’ sobre uma península levemente rochosa. O terreno enquadra-se também na lei de área de marinha, qual prevê a liberdade de acesso e a preservação da vegetação na faixa costeira, e é também considerada uma APP para o plano diretor da cidade (área de preservação permanente), sendo restritamente ilegal a construção no local. Porém o mesmo destaca-se como um dos poucos nas redondezas (Rua João Pacheco da Costa) qual cumpre tais leis, visto a privatização da orla da Lagoa da Conceição na sua área urbana.

Seus mais de 6000 metros quadrados avançam sobre a Lagoa da Conceição, conformando uma orla recortada com pequenas praias e rochedos. Grandes gramados se conformam sobre as colinas dos sambaquis, quais junto com grandes aroeiras conformam diferentes ambientes de estar e lazer com visuais para a paisagem da Lagoa O terreno é utilizado por inúmeras pessoas nos dias e noites secos, atividades esportivas, jogos, churrascos, fogueiras, estão entre suas principais atividades sociais. . A lua cheia nasce atrás do morro do Gravatá.



.02. Wind Surf. Lagoa da Conceição.

O terreno fica a beira d'água, entre os ranchos, na curva da Rua Rita Lourenço da Silveira, à aproximadamente 500 metros da Praça Bento Silvério, ali a lagoa se torna visível e acessível novamente depois de meio quilometro de bloqueio por casas.

Essa pequena faixa de terra ondulada e gramada forma uma prainha sinuosa de águas rasas e tranquilas. Tal Jardim imerso numa área residencial acolhe a população em seus diversos bancos e sombras, também se destaca entre suas estruturas um balanço pendurado no enorme cinamomo, um ponto de ônibus e um orelhão.

O local é conhecido como ponto de encontro e partida de atividades aquáticas como o Windsurf e o kitesurf, sendo que, há um estabelecimento comercial que visa essas atividades. Porém suporta todo um movimento de moradores e turistas que passeiam pelo centrinho da lagoa.



03. Sopé do Morro da Lagoa. Lagoa da conceição.

Ao final da descida do morro da Lagoa pela SC 404, antes de chegar ao cruzamento de vias que leva ao canto dos araçás, há dois grandes terrenos vagos, um de cada lado da via.

Esses terrenos carregam um enorme potencial simbólico, sendo a entrada e saída da Lagoa da Conceição pelo seu acesso principal, deveriam ganhar boas calçadas e ciclovias que viessem desde o outro lado do morro, assim como poderiam ser marcado pela boa preservação da orla do rio que ali cruza e encharca o solo, suas matas ciliares e árvores nativas estão degradadas, estando evidente o corte dessas, assim como alguns aterramentos recentemente.

Na parte mais alta do terreno, qual não é banhada, eventualmente alguns vendedores param com cestos e metais, marcando o lugar com suas mercadorias, mas o uso mais comum para esse é um ponto de caçona já conhecido e utilizado por muitos.



.04. Terreno da CASAN. Canto da Lagoa.

Esse pequeno terreno da CASAN revela aos curiosos um ótimo ponto de parada e descanso.

Ainda encostado na estrada há um tanque de tratamento de esgoto demonstrando a institucionalidade do espaço, mas deixando a estrada para trás ao descer um pequeno barranco, encontra-se algumas pequenas praias, assim como ranchos e trapiches. Um lugar de tranquilidade ímpar, ideal para pesca, sendo ali um braço da lagoa de grande profundidade com a orla repleta de matas e galhadas. Caminhado na orla, mas já no terreno vizinho separado por uma frágil cerca de bambu, percebe-se um pequeno riacho de águas cristalinas, água provida de nascentes dos morros que sugerindo uma bica d'água para os seus convidados.



.05. Osni Ortiga. Porto da Lagoa.

Algumas praias gramadas se espremem entre a Avenida Osni Ortiga e a orla da lagoa. Ali, a beleza da paisagem ainda sobressai o barulho dos carros e o cheiro das algas que se alimentam do esgoto. Esses gramados se disponibilizam de forma sinuosa, indo e vindo em grandes curvas, como se mostrassem que um dia, todo ele era feito de dunas em movimento.

Deitar nesses gramados é um convite para ver a paisagem, o centrinho da lagoa ao fundo, alguns grandes morros no entorno, o céu refletido nas águas calmas. Aqueles que passam cotidianamente pela Avenida Osni Ortiga, seja de carro ou a pé, conhecem muito bem esse mirante plano, e volta e meia param por ali, para se distrair um pouco com o visual, os que estão a namoro, não tardam em se isolarem na ponta do píer com um único banco.



Mapa de jardins 2.



.06. Osni Ortiga. Porto da Lagoa.

Esse terreno se encontra entre o final da Avenida Osni Ortiga e a restinga que conecta a praia. Uma área de mata densa e de difícil acesso, onde a biodiversidade se faz presente.

Atravessar o terreno é uma apresentação de grande variabilidade natural, primeiramente, próximo a Lagoa da conceição há uma grande área recoberta de grandes árvores, vasta vegetação intermediária, além de cipós e bambuzais quais aos poucos se tornam rarefeitos, chegando-se a um tapete verde que cobre as dunas, com vales de poças de água cristalina, onde a vegetação cresce numa cabeleira maior, atraindo pássaros, reptéis e insetos.

O parque linear é entendido pela comunidade como toda a extensão da orla marítima, assim como suas dunas e restingas adjacentes. Um espaço ecológico de grande importância para a preservação de diversas espécies, mas também para a preservação dos limites da praia, devido ao fluxo natural das areias. A demarcação desse parque é de importante para evitar a ocupação arquitetônica desses lugares.



.08. Servidão Teixeira. Rio Tavares

Saindo da SC 406 em frente à pedreira em direção ao mar encontra-se um dos poucos terrenos abertos no Rio Tavares, um bairro inteiro sem praças, passeios e jardins formais.

Um terreno comprido e estreito, provavelmente desmatado e terraplanado recentemente, pois ali não há sinais de relevo e nem de vegetação arbórea, além dos eucaliptos que demarcam a borda do terreno. No seu interior regenera-se uma enorme diversidade de samambaias, bromélias, capins e outras plantas rasteiras que se adaptam ao solo árido e arenoso, além de alguns arbustos de restinga que parecem querer retomar seu espaço.

O lugar é depósito de entulhos de jardinagem, percebem-se também resquícios de fogueiras de entulhos domésticos como armários, camas e sofás velhos. Percebe-se algumas trilhas demarcadas ao passo entre as duas ruas paralelas que o contornam. A difícil permanência nesse espaço se dá principalmente pela falta de vegetação, pela falta de sombras no seu interior, e pela falta de privacidade por não haverem cortinas vegetais, um descampado cercado de casas.



.09. Lagoa Pequena. Campeche

Entrar no terreno em volta à lagoa pequena (270 mil metros quadrados de APP) é uma verdadeira aventura. Essa linda lagoa é emoldurada na parte leste por uma restinga dinâmica de grande diversidade biológica, ali os estreitos caminhos labirínticos de areia branca levam a banhados e micro jardins internos, clareiras onde se pode ficar escondido por horas, observando os animais e plantas; são samambaias, orquídeas, bromelários, entre arbustos como olundi, vassoura e aroeira, acolhendo aves, répteis e insetos principalmente. Na clareira mor, formada pela própria lagoa e suas pequenas praias gramadas, os aguapés conjugam-se com o reflexo das águas, porem esse reflexo desmente todo encantamento naturalista evidenciando a ocupação da orla oeste por casas e ruas, além do enorme recorte no morro feito pela pedreira.

As lagoas se originaram a partir do represamento de águas provocado pela formação das restingas ao longo da costa leste da ilha, possuindo recortes montanhosos ao oeste e a faixa de restinga e dunas a leste, a água pode ser represada nesse espaço intermediário. Esse terreno fixado esta sendo ocupada por assentamentos urbanos que se despreocupam em preservar tal condição do solo, assim como em preservar o quadro de biodiversidade.



.10. Pau de Canela. Campeche.

O terreno é um grande quadrado, rodeado de casas simples e alguns terrenos privados, com topografia levemente acidentada em colinas ao sopé do morro do lampião, uma área alta, com boa visualidade para o entorno.

Ao centro do quadrado três conjuntos de árvores chamam a atenção, ali a sombra, alguns troncos caídos, além da cortina vegetal que cria um ambiente reservado, formam um ótimo local de encontros de jovens, que se utilizam do espaço como uma sala de estar, um clube secreto, uma casa na árvore, uma roda de fogueira e música, um “forte” que vigia tudo que acontece sem ser observado.

Mangueiras, abacateiros, goiabeiras, aroeiras, limoeiros, pitangueiras entre outras, formam esse oásis cercado de capim colorido. Há também muitos caminhos com a largura de carros demarcados na vegetação rasteira, além de algumas trilhas com marcas de motos, mostrando que o lugar é usado para a prática do exibicionismo “free stile”, o que provavelmente incomoda o bando de corujas que moram por ali.



Figura 23. Mapa de Jardins 3.



.12. Alto Campeche. Campeche.

O terreno localizado ao final da Rua Laureano é um entre tantos terrenos vagos nessa região, porém, um dos poucos regimentado como AVL.

Fica em uma área plana e razoavelmente alta, cortada por ruas paralelas à Avenida Pequeno Príncipe, uma área que vem ganhando valor imobiliário e novos loteamentos, sendo assim os terrenos vagos que por aqui estão logo serão ocupados, percebe-se que seus proprietários os mantêm limpos e sem grandes vegetações.

O jardim em questão está, portanto, imerso num contexto residencial de alto valor, uma vizinhança pacata que pouco utiliza tais espaços, ganhando este uma particularidade tranquila, raramente o terreno é utilizado, se não crianças que o exploram em passeios mais aventurados, ou são pedestres que cortam caminhos entre as longas ruas paralelas. Percebe-se um conflito entre o ressurgimento da restinga e o plantio de pinus e eucaliptos, o terreno terraplanado tem uma vegetação pequena e recente que busca formar um rearranjo orgânico no local, algumas colônias de samambaias formam tapetes nas sombras das árvores.



13. Campo de Pouso. Campeche

O maior terreno vago do Campeche é o antigo campo de pouso da aeronáutica, são 323 mil metros quadrados, resguardados pela aeronáutica na principal avenida do bairro, a Avenida Pequeno Príncipe.

Apesar da localização em um local movimentado e requisitado para o crescimento urbano, o terreno é pouco usado; como atalho entre as ruas que o circundam, e já no fim de semana, para o futebol, que agrupa algumas associações e clubes de jogadores.

Adentrando na imensidão do terreno percebe-se uma aridez forjada por largos pastos, cinco campos de futebol, áreas queimadas e plantios de pinus e eucaliptos, assim a mata se encontra em baixo estado de regeneração e dificilmente se encontram árvores e arbustos. Tais maus tratos com a área por parte dos militares se confronta com a reivindicação por parte da comunidade da transformação da área em um verdadeiro parque municipal,⁶ que por fim promoveria praças, áreas esportivas, escolas de formação, bibliotecas, arte e cultura, além de qualificar e deixar acontecer esse enorme jardim.

6. A proposta do parque na área é levantada pelo Movimento Campeche Qualidade de Vida, In campeche.org.br jan.2011.



14. Capela. Campeche

O terreno envolto da Capela São Sebastião é um dos poucos espaços abertos ao longo de toda a Avenida Campeche. Aliás, tal avenida há pouco tempo era uma viela de terra, mas está em passe de uma verdadeira transformação, são diversos condomínios fechados surgindo ao longo da via, porém a caixa da via se mantém estreita, sem ciclovia e em partes sem calçada.

Esse terreno, nessa área de grande dinâmica urbana, por hora, tem como função servir de estacionamento para a escola municipal, e para capela e seu cemitério, mas também para o lançamento de entulho nas suas bordas. Assim a área se mantém plana e árida para acolher os automóveis, e sua borda com enormes montanhas de aterro e entulho desenvolvem uma vegetação típica de mamonas e bananeiras.

Ultrapassando tais montes, encontra-se um riacho retificado que segue em direção à praia, percebe-se ali uma pequena casa e algumas clareiras de mata queimada, demonstrando a intenção de novas ocupações. Passado esses espaços chega-se aos fundos do cemitério, suas lápides de granito cinza e suas flores artificiais resguardam uma vista incrível para as colinas de dunas, o mar e a Ilha do Campeche.



.15. Rádio Campeche. Campeche.

O terreno da rádio comunitária Campeche, assim como o terreno vizinho à rádio, é um caso bem sucedido do direito social de superfície. Exemplos de processos bem articulados de concessão temporária de terrenos ociosos para o desenvolvimento de atividades sociais. Os pequenos terrenos emprestados foram ganhando, aos poucos, estruturas e utilização em eventos festivos e culturais, assim há um ano ganharam a condição de ponto de cultura dentro do MINC, podendo assumir um compromisso ainda maior com o desenvolvimento de tais atividades. Hoje, além da programação da rádio e dos eventos repletos de músicas, feiras de troca e alimentação orgânica, o coletivo assumiu o terreno vizinho como espaço de cultivo em hortas e pomares, podendo assim desenvolver atividades que se envolvam com o cuidado da terra em plena área urbana.



.18. Jardim. Castanheiras. Campeche.

O jardim castanheiras é um longo terreno atravessado por uma rua de terra, sinuosa e esburacada. Os terrenos vazios em volta dessa via podem ser divididos em duas partes. Próximo a SC 405, tem-se um espaço mais largo, correspondente às duas laterais da via, de pouquíssimo uso pela comunidade, uma área alagadiça e distante de habitações. Ali, por entre o capim ralo, grandes eucaliptos e ilhas de restinga, alguns cavalos pastam seguidos com suas aves companheiras, sabiás e garças. Passado um estreitamento da via, devido a um entroncamento de ruas, e, sobretudo a uma grande ilha de restinga, fica a segunda parte do terreno, voltada para a Rua do Gramal. Essa parte é mais conectada ao cotidiano da comunidade, já que dá para os fundos de muitas casas, além de ser cercado por uma área urbana residencial densa. É um grande plano de areia coberto por gramíneas e capins, há uma segunda via paralela, marcada por grandes postes sem fios, demonstrando uma obra interdita, há também alguns troncos caídos, entulhos e pedras. Um terreno de aspecto abandonado, porém de uso intenso para crianças com pipas ou jogando, e de passagem diárias para muitos.



.19. Rua do Gramal. Campeche

Junto das curvas acentuadas da Rua do Gramal, alguns terrenos da aeronáutica se abrem ao público. Esse terreno triangular possui um ar decadente, seu muro está em ruínas, com diversos buracos e partes caídas, no gramado frontal, alguns meses atrás alguns casa niques foram jogados, hoje restam só carcaças apodrecidas, e sua lateral é cercada pelos fundos de casas, quais não se preocuparam em rebocar tais fachadas, ou então em construir janelas diretas para o terreno. Já ao fundo um pequeno campo de futebol faz a alegria da rapaziada, há também uma pequena plantação de pinus, gerando sombra para o time que espera a vez, essa se atravessada leva a uma pequena mata sufocada, cercada em ângulo obtuso por muros das casas vizinhas. Pela lateral do terreno há um atalho muito utilizado pela comunidade, qual conecta uma rua paralela ao ponto de ônibus mais próximo, assim como aos mercadinhos do bairro.



.20. Pastinho. Campeche

O miolo do bairro do Campeche é um enorme labirinto, poucos conhecem os caminhos alternativos às ruas principais e as conexões existentes, aliás, são poucas essas conexões. O pastinho faz um enorme vazio no meio deste labirinto, podendo ser tido como o jardim mais escondido da região. Sua descoberta se faz por dois únicos acessos, quais dão para o final de ruas sem saída, ou seja; o terreno da passagem para as pessoas que querem se dirigir da parte do Campeche voltada para a rua dos eucaliptos, para a parte voltada à Rua do Gramal, e vice versa. Essas duas passagens são feitas por leves aberturas na cerca, no estilo de fazendas de gado, onde a cerca faz um zig-zag qual o animal não consegue passar. No centro um grande gramado

Dentro do terreno o descampado é coberto de grama, não havendo grande variedade de vegetação, motivo pelo qual o nome dado pela comunidade. Passado o largo gramado, pode-se adentrar em uma área curiosa do terreno, um estrangulamento entre muros paralelos do fundo de casas, um corredor também gramado, podem com alguns pinus plantados, quais geram um bosque de grande potencial para passeios e namoros. Esse corredor de aproximadamente 300 metros da para a porteira de uma pequena fazenda privada.



Mapa de Jardins 4.



.16. Figura 32. Areias. Campeche

Os terrenos públicos em volta da comunidade Areias demarcam um processo de urbanização recente, qual articula o interesse financeiro dos novos loteamentos, com a questão social de uma ZEIS . A transformação recente dessa área veio a abrir arruamentos para novos lotes, aonde condomínios e casas de classe média vieram a se constituir. Porém a região já tinha uma comunidade firmada, qual vivia com outros padrões urbanísticos, um assentamento desordenado e denso, uma área pobre da cidade. Os terrenos livres das areias ficam entre diferentes tipos arquitetônicos, de um lado a casa burguesa murada, do outro as casinhas de madeira, puxadinhos e predinhos sem jardim, de fato o jardim da comunidade pobre acabou por se tornar esses próprios terrenos, que vão ganhando usos e articulando a comunidade. Trata-se de uma praça simples, um plano de blocos Inter travados e alguns gramados em volta com um playground e bancos, ao centro um campo de futebol que sempre alaga. Saindo da praça, a margem da Rua Jardim dos Eucaliptos, uma faixa de 10m aproximadamente foi garantida para a população pela Lei 6766, ali passeios de concreto foram construídos sobre o solo arenoso, uma autopista de crianças brincando, que leva cabo num muro de uma propriedade privada vazia.

Os vazios se fazem como constate na cidade. Um tecido biológico minucioso, muitas vezes escondido e meio as construções. Tais vazios suportam em si um dinamismo instável, característico ao descontrole da paisagem. Percebe-se que as ilhas de expansão urbana deixam em seu interior muitas áreas vazias, tomadas pelo verde, uma distribuição irregular dos loteamentos que cria em si um verdadeiro sistema de jardins informais. Um arquipélago complexo de espaços públicos onde podemos nos sentir a margem de qualquer controle.

Los espacios vacíos son una parte fundamental del sistema urbano, y habitan la ciudad de una forma nómada: se despezan cada vez que el poder intenta imponer un nuevo orden. Son realidades crecidas fuera de, y em contra de, un proyecto moderno que sigue incapaz de reconocer sus valores y, por tanto, de aceptarlos. (CARERI. 2002. pg.181.)

A ilha de Santa Catarina, por razões legais e ambientais, se preservou da industrialização, e garantiu em suas terras 44% de APP, (Dados da SMHSA-PMF - MIRANDA. 2008). No entanto Florianópolis cresce como cidade administrativa e de serviços, principalmente o comércio e o turismo. Com o mercado bem desenvolvido o valor da terra cresce a índices muito altos, um surto especulativo toma conta, loteamentos, complexos hoteleiros e condomínios vão sendo executados ano após ano, demandando novas infraestruturas. Essa privatização de terrenos e descontrole do cumprimento social do imóvel, vem desqualificando a urbanidade de Florianópolis.

Analisando as possibilidades da cidade, percebe-se que ainda esta em tempo de trabalhar a questão das áreas verdes como um sistema integrado de espaços e passeios públicos. Jardins abertos poderiam surgir

como questionamento da Lei 6766⁷ que visa aproximadamente 30% das áreas loteadas para fins comunitários, os quais poderiam se enquadrar em AVL (áreas verdes de lazer), assim como pelo direito à superfície, previsto no estatuto da cidade.

Parques, praças, e jardins comunitários devem ser questionados por diferentes comunidades como uma real qualificação das condições de vida. Os terrenos ociosos que se ocupam de enormes áreas em meio a grandes assentamentos humanos, poderiam ceder espaços para atividades coletivas de fundamentação cidadã (estatuto da cidade), ao menos temporariamente. Espaços de jogos e atividades físicas, hortas, pomares, bosques, feiras e eventos culturais se fariam possíveis frente a uma pequena infraestrutura a ser negociada com o proprietário da terra caso houvesse instrumentos e apoio da prefeitura.

A falta de preservação das áreas verdes durante o crescimento e adensamento urbano, com o tempo será percebida como uma grande falha de planejamento, pois enquanto hoje alguns terrenos vagos, ao menos, ainda podem ser utilizados como espaços de lazer, absorção de água, e dão amplitudes visuais a paisagem, quando esses forem ocupados por edifícios, tais possibilidades não serão contempladas.

A figura a seguir é um mapa feito a partir da leitura da proposta comunitária do Campeche, prevendo a expansão urbana contornada por novas áreas verdes

*

7. A lei 6766 de 1979 prevê que parcelamentos para fins urbanos deverão dispor de áreas destinadas a sistema de circulação, a implantação de equipamento urbano e comunitário, bem como a espaços livres de uso público, serão proporcionais à densidade de ocupação prevista para a gleba.



Periferia de Florianópolis. Área entre Campeche e Morro das Pedras. Suposta área a ser ocupada e Áreas verdes requisitadas.

JARDINS

Historicamente a fixação do homem a uma terra, uma região específica, e a necessidade eminente de proteção desse espaço, fez dos primeiros jardins espaços confinados dentro dos muros da cidade. Assim o jardim ganhou características urbanas, ao mesmo tempo em que foi tido como elemento marcante na composição da cidade, funcionando como as principais opções de aberturas para acolher o público dentro do espaço apertado e caótico protegido pelas muralhas. O jardim é tido como espaço amplo, onde se cultiva a natureza dentro ou em volta da cidade.

Segundo Le Goff. J. (1998) as cidades medievais utilizavam-se desses para a produção hortícola, para o lazer dos poderosos ou para o silêncio no entorno das propriedades eclesiásticas. O autor evidencia o bom ordenamento como testemunha da racionalização da natureza e da agricultura, que mantinham suas funções dentro da cidade. O jardim, como espaço cercado, demarcado, permaneceu uma constante na história das cidades, desde o período clássico, Grécia e Roma, em seus jardins em torno dos templos e palácios até o renascimento.

Continuando a cronologia, seguindo com Sun Alex (2008), o jardim renascentista, surgido das revoluções industriais e comerciais, acarretaram em verdadeiras transformações do espaço urbano, novos palácios, avenidas, praças, glorificando a ideologia burguesa e sua concepção humanista. No renascimento romano ou francês, o poder da corte e da igreja é contemplado por enormes praças ajardinadas de fundamentação clássica. Os cenários dignos para festas e cerimônias da alta sociedade

constituem-se em eixos longitudinais, canteiros simétricos, minuciosamente planejados numa busca por perspectivas imponentes e perfeições geométricas, jardins de status e controle sob a natureza. Para Alex (2008) as praças ajardinadas renascentistas representam o enriquecimento de uma aristocracia fundamentada na propriedade privada, são refúgios para uma elite privilegiada. Muitos jardins voltam a se fechar no interior de muros de conjuntos de edifícios, a Place des Vosges (originalmente Place Royale) em Paris e a Bedford Square em Londres podem ser tidas como dois exemplos de praças residenciais exclusivas que se propagaram em todo o mundo.



Place des Vosges. Paris, inaugurada em 1609.

Durante a revolução industrial, o meio físico das cidades se adensa e se transforma em um vasto campo degradado e poluído. Assim o direcionamento das artes para a percepção da natureza se faz de forma a criar um diálogo frente às espacialidades esquecidas pelo homem industrial, a natureza selvagem e bucólica é pintada como forma de registrar seu potencial de conhecimento, sentimentos e emoções. O espanto, a admiração, o terror e a reverencia são destacados pelas pinturas de paisagens

que enquadram o sublime. Pintores românticos e impressionistas, como Caspar David Friedrich, Paul Cézanne, Oscar-Claude Monet, buscavam na percepção de bosques e redutos de natureza, a atmosfera de suas pinturas, cenários do campo, do meio externo, as árvores, os bosques, as montanhas, as tempestades, no intuito de destacar a sensação estética contida em tais paisagens.



Claude Monet - The Artist's Garden at Giverny, 1900,
Musée d'Orsay, Paris.

I

As insistentes buscas pelo pitoresco durante a era moderna atravessam o campo das artes e englobam uma demanda social por espaços verdes conectados com a cidade, confirmando a necessidade do parque público como um elemento a integrar o sujeito, a cidade e a natureza. O movimento por parques nacionais e citadinos formaram atividades paisagísticas de proporções renovadoras. Podemos ver reflexos dessas reivindicações (românticas, pictóricas e higienistas) nas obras do barão de Haussmann em Paris, nos subúrbios jardins ingleses ou no Central Park de Nova Iorque, projetado por Frederik Law Olmsted.

Os sistemas de parques urbanos ⁸, difundido nos Estados Unidos em meados do século XIX, usa-se de modelos de jardins públicos integrados ao tecido urbano, criam-se verdadeiros refúgios anti-urbanos, de formas a compensar as tendências estritamente comerciais da cidade norte-americana. Tais projetos aprimoram o conceito de espaço público, envolvendo-o em critérios ecológicos, porém também podem ser vistos como verdadeiros parques sem nenhuma característica própria da cidade, o parque como “anti-cidade”.

Durante o século XX, os questionamentos advindos do pós-guerra, adquirem um adendo estético na percepção do espaço, na busca por outras possibilidades, o instável, o mutante, o múltiplo ganham destaque. Roberto Burle Marx, a exemplo, foi buscar na identidade cultural e natural do Brasil suas materialidades plásticas, envolvendo suas composições em aspectos regionais da fauna e flora brasileiras, além de aspectos próprios a urbanização local. O paisagista entende o jardim como possibilidades de sobreposições temporais, sua geometria fluida compreende a forma como um organismo vivo, e convida o cidadão a um percurso sinuoso e misterioso cheio de sensações estéticas.

“O fato de criar uma paisagem artificial não implica uma negação nem, bem entendido, uma simples imitação da natureza. É preciso saber traspor e associar, com base em critérios seletivos e pessoais, os resultados de uma observação atenta e prolongada” (MARX. B. in LEENHARDT. J. 2006. p. 56.).

8. Para Sun Alex (2008) a história do paisagismo tem privilegiado a criação de parques como solução para os problemas de aglomeração, tornando-se um paradigma da cidade saudável. Durante o final do século XIX essa ideologia transferiu-se para os subúrbios-jardim.

De modo geral pode-se dizer que Burle Marx vivenciou uma metamorfose conceitual paisagística, partindo do jardim moderno de aspectos artificiais, de natureza emoldurada em quadrantes e formas rígidas que, que aos poucos, propiciaram reações e concepções pós-modernas, jardins orgânicos e dinâmicos, onde a permanência humana acarreta em cuidados oriundos de um verdadeiro afeto pelo espaço.

O jardim domesticado, cosmopolita, muitas vezes, ignora a diversidade biológica a naturalidade das espécies e suas relações uma com as outras, associações naturais. A interpretação e compreensão das associações naturais são chaves para a prática de Burle Marx.



Burle Marx. Jardins do instituto Inhotim em Brumadinho/MG

Algumas vertentes do paisagismo do século XXI trabalham uma relação de conceitos amplos, como a indeterminação, multiplicidade, simultaneidade. São princípios compositivos que muitas vezes tem como base a autonomia da natureza para buscar equilíbrio, e a necessidade imanente da sociedade se harmonizar com tal dinâmica, jardins que permitem

o acaso, o ócio, a liberdade, sem pretensões estáticas. Perceber os esses espaços onde a natureza se desenvolve dentro da urbe, é perceber jardins informais, vazios arquitetônicos da cidade que contém um cheio biológico em constante movimento, um jardim que modifica seu aspecto constantemente.⁹

O jardim movimento descrito pelo paisagista francês Gilles Clement (2009) é um jardim de ordem dinâmica que possibilita o desenvolvimento da natureza, além de um projeto rígido. Um jardim que se aproxima da idéia de terreno baldio.



Gilles Clement. Parc Andre Citroen. Paris. 1992.

“Gilles Clement acredita que a própria ideia de “jardim” impõe uma luta perpétua contra o movimento natural das plantas. O papel do jardineiro é cortar tudo que no jardim transborda ao projeto original ou que é espontâneo, contendo o fluxo natural. O paisagista propôs então uma concepção de jardim baseada

8. Susan Lorenz, Teresa Galí Izard, Gilles Clement, Lara Almarcegui, Roberto Burle Marx, Alan Solfisi, Louise Ganz, são alguns que trabalham a instabilidade do jardim ao invés do seu controle rígido;

no movimento. Com isso, ele propõe inverter um conceito: ao invés do planejado e imóvel, um jardim que possua características de terreno abandonado ou baldio, ou seja, natural, móvel e dinâmico.”. (NEVES. 2008. p 5.)

Outro projeto que se destaca pelo estudo da condição do terreno baldio, denominado “Lotes Vagos”, foi realizado pelos arquitetos Louise Ganz e Breno Silva. Os proponentes fazem um acordo entre o proprietário de terrenos ociosos da cidade e proporcionam algum tipo de intervenção nos mesmos. A proposta de diálogo se fundamenta em princípios poéticos de construção de espacialidades que acolham a comunidade para o lazer, trocas e cultivos dentro desses terrenos. Para Ganz o projeto visa repensar o território urbano e as relações que a população pode criar com esses espaços da cidade. A apropriação de terrenos baldios com pequenas ações traz o cidadão para um contato tátil e visual com o jardim movimento.



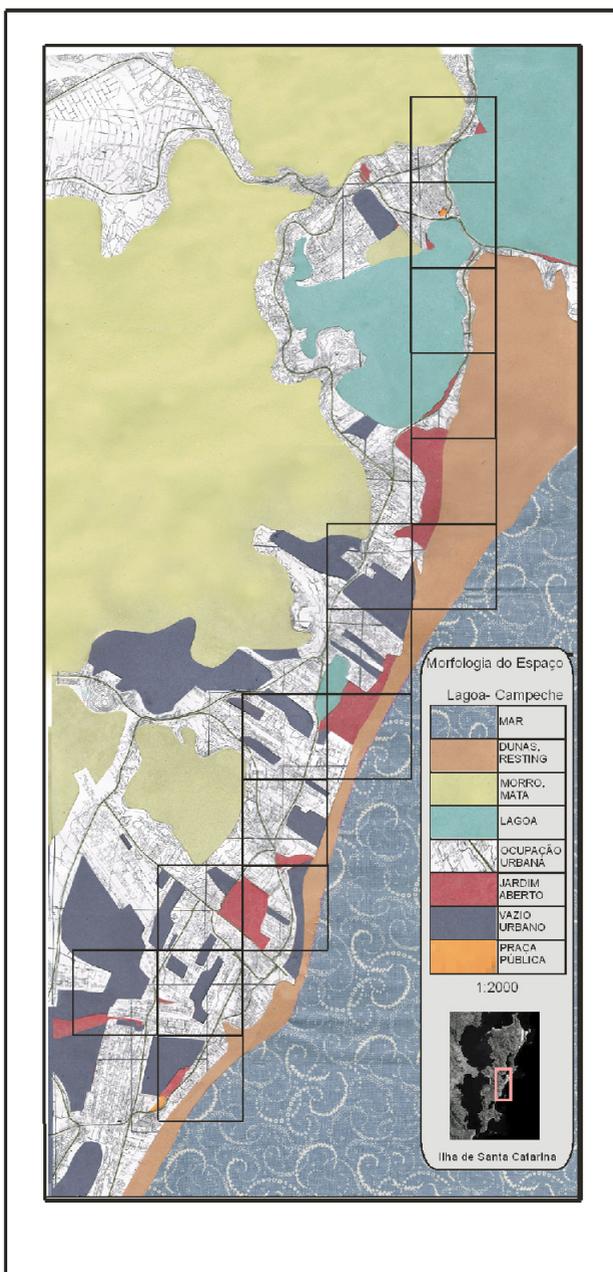
Ocupação de lote vago. Jardim – Muro. Louise Ganz.

“Lotes urbanos podem ser usados para criar vacas leiteiras, estender roupas, para colocar piscinas, para realizar casamentos, festas e pique-niques, para se transformar em sala de estar, para plantar hortas e flores, para guardar segredos enterrados e esconder tesouros.” (GANZ, 2009, p.16.).

A imersão em terrenos baldios permite vê-los de um modo diferente, tais terrenos, não são simples resíduos urbanos ao acaso e desnecessários, percebemos neles, a apropriação como campos de acontecimentos; zonas de conexão entre arruamentos, quadras esportivas informais, pastos, descampados para piqueniques, espaços para feiras, esconderijos, pontos sombreados de pausas, rodas de música em torno da fogueira, campos de flores repletos de fauna e flora.

O jardim aberto é o terreno baldio tomado pelo sujeito e suas percepções, um espaço dinâmico que acolhe as efemeridades e reflexos da paisagem. São terras sem muros ou limites intransponíveis que germinam diversidades vegetais.

O jardim aberto é o terreno baldio da infância onde se descobre frutas, insetos, aves e se desenvolve as mais grandiosas aventuras, onde se monta o campinho de futebol da rapaziada, onde se planta mandioca ou milho dentro da cidade, onde se faz fogo e se observa a noite em roda de violão. O jardim aberto é o descampado para Lara Almacergui, artista Catalã que registra espaços sem construções, sem definições, onde os usos espontâneos dados ao terreno se mesclam com o vento, a chuva, o sol e a flora. É a zona do filme *Stalker* para Andrei Tarkovsky, um local secreto, aonde os desejos mais íntimos podem se revelar, gerando enfrentamento e medo. É o *letreiro verde* escrito PERMITIDO para o artista Vitor Cesar, onde não se sabe ao certo o que é permitido, dando liberdade a cada um da sua escolha. O jardim aberto é o vazio arquitetônico inserido no espaço urbano e a possibilidade de intervalo e drenagem para as cidades.



Vazios Privados e Jardins Abertos na planície do Campeche. Recorte Colagem, 2010. Mapa do autor. (Mapa em escala 1:25.000 anexo).

TORRE NOMÂDE

Neste capítulo apresento algumas proposições: projetos, desenhos, apropriações de imagens, mapas e ações no formato de colagens⁹. Estas funcionam como um dispositivo que interliga os conceitos de terreno baldio, jardim e paisagem, possibilitando interpretações sobre estes em propostas que se sobrepõe.

Atento à simplicidade do gesto da colagem, o processo poético é determinado por três etapas: a primeira ocorre na escolha do pano de fundo, o sítio, o contexto a ganhar um novo elemento; a segunda pelo recorte, o foco a ser deslocado em relação ao seu cenário normal; e em seguida, a colagem, o ato de grudar, exprimir, abandonar o corpo recortado, dando a ele outro significado na proposição.

Para os arquitetos Rowe e Koetter (2006) a amplitude no processo de colagem nos permite lidar com a utopia como imagem, sem nos obrigar a aceitá-la, mas sugerindo alimentar uma realidade feita de mudanças, onde os elementos se destacam por sua irrealidade territorial, proporcionando questionamentos sobre tal, uma outra leitura da paisagem.

8. A colagem foi desenvolvida pelos pintores cubistas e surrealistas, como uma iniciativa de atravessamento da imagem por contextos, distanciando ela do seu cenário original para sobrepô-la a um novo.

“a colagem, frequentemente um método de dar atenção às sombras do mundo, de preservar sua integridade e conferir-lhe dignidade, de combinar o informal com o cerebral, a convenção e a quebra de convenção, opera necessariamente de modo inesperado, uma combinação de imagens dessemelhantes ou uma descoberta de semelhanças ocultas em coisas aparentemente díspares” (ROWE e KOETTER. 2006 p. 317.).

A colagem como exercícios de experimentação do espaço, possibilita uma prática arquitetônica que ao invés de pensar em um projeto único, pensa um projeto múltiplo, fundamentado em experimentações contínuas de sobreposições de elementos, vendo aos poucos novas relações criadas com o meio.

Na busca por aproximação e ampliação do olhar sobre possibilidades de um jardim, a escolha do Jardim Castanheiras (ponto 18 da pesquisa cartográfica) se fez por sua conjuntura de circunstâncias que o capacitam como possível espaço a ser estatizado para fins comunitários. .

Este jardim apresenta uma faixa de terra longa (1000m) e estreita (40m-80m), tendo em seu meio uma densidade vegetal qual literalmente divide o espaço em duas partes distintas, uma voltada a Rua do Gramal e inserida num contexto urbano dinâmico, e a outra voltada a estrada SC 405, resguardada pela sua condição de abandono.

Na área voltada para a rua do Gramal, o jardim marca uma abertura para diversas ruas quais foram loteadas sem preocupação com a criação de áreas verdes.

Em sua outra extremidade, voltada a SC 405, o jardim se faz em um bosque com eucaliptos dispersos e algumas ‘ilhas’ de restinga arbórea. O entorno é rodeado por fazendas, descampados e estabelecimentos típicos de estrada, como galpões de pequenas indústrias, lanchonetes, postos de combustível e um posto da polícia rodoviária federal.

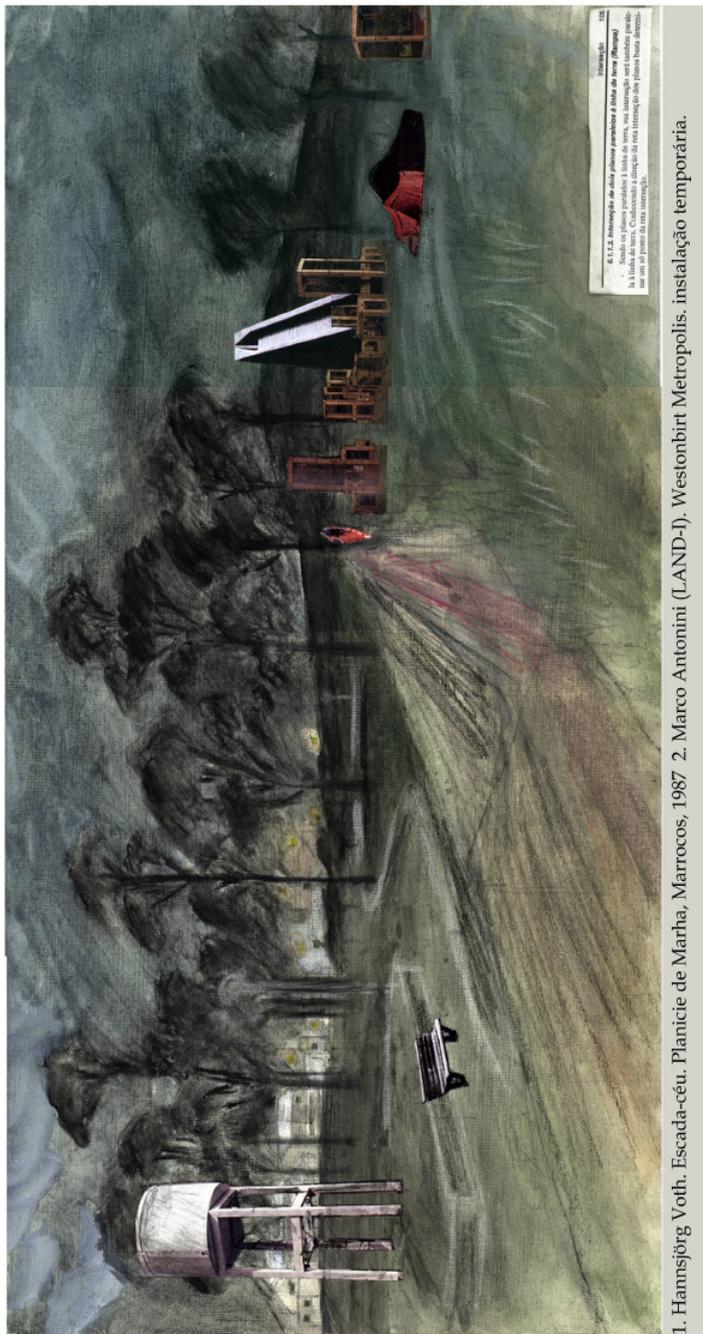


Mapa de Situação. Jardim Castanheiras. mapa em escala. anexo.

O trabalho de recorte e colagem que sucede, denominado: proposta arquitetônica para um domingo apresenta duas pinturas de observação do Jardim Castanheiras, executadas com guache, aquarela e carvão, sobrepostas por figuras gráficas, que propõem interferências no conjunto. Este estudo remete ao deslocamento de inúmeras situações hipotéticas para um jardim aberto. São instalações da Lan Art, croquis da Lina Bo Bardi, fotografias de feiras e estufas, entre outros componentes.

A proposta arquitetônica para um domingo propõe o uso efêmero do espaço, numa inviabilidade de construções permanentes. Nesta proposta a imaginação é a modificadora do ambiente que aos poucos vai ganhando algumas ações e inserções, como por exemplo: a realização de um churrasco com os amigos, um espaço para acampar, uma festa, a produção e acompanhamento de hortas, entre tantas outras possibilidades que poderão ser exploradas.

A ideia dessa proposta é introduzir o pensamento de um projeto impreciso para o jardim aberto, constituindo esse espaço, sobretudo, nas interferências pessoais daqueles que se utilizam do espaço, assim como as sobreposições dos passos constroem os caminhos. Neste sentido, o jardim passa pela compreensão de sítio específico, onde o contexto do lugar é explorado, provocando o envolvimento do sujeito com o espaço.



Proposta arquitetônica para um domingo; meia-noite.



1. Lina Bo Bardi. Farol às Descobertas. 2. Fonte da Juventude.

Proposta arquitetônica para um domingo; meio-dia.

A inserção de dispositivos (bancos, escadas, balanços, platôs...) nos terrenos baldios, é uma tática de aproximação do jardim aberto ao cotidiano. O passo de habituar, tornar usual esses espaços demanda que tais dispositivos gerem curiosidade, imersão, contato, atuação e leitura sobre os mesmos, sendo esses processos então, ampliadores de força.

‘Os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição.’ (DELEUZE . p. 4.)

Na pesquisa sobre dispositivos de percepção da paisagem, descobri a arquitetura dos folies, são elementos encontrados em espaços públicos e que não tem funções específicas, chamam a atenção por está característica e também pela produção de um cenário que se estabelece em determinados espaços, poderíamos defini-los como uma espécie de entropia, fazendo referência a Rober Smithson, quando comenta sobre situações inusitadas produzidas na paisagem.

Para o teórico e estudioso sobre a paisagem, Javier Maderuelo o folie é descrito como:

‘mientras que los modelos se desarrollan em el plano de la abstracción para ser aplicado em un contexto real, aunque indefinido, la folly define su contexto em el jardín, se preocupa del medio que le rodea, de la luz, de la orientación, del ambiente y del paisaje al que pertenece y lo enfatiza’ (MADERUELO. 2008. p. 348)

Um exemplo de folie são os propostos pelo Arquiteto Bernard Tschumi no Parque La Villete em Paris (1982-1998). Com características providas do desconstrutivismo russo, Tschumi fragmenta um objeto, em diversas formas, constituindo uma espécie de jogo de repetições e diferenças, desenvolvendo folies livres da relação forma-função, atraindo o público que ali circulam.



Bernard Tschumi. Folie do parque La Villete. Paris.

‘uma obra de arquitetura não é arquitetural por que seduz, ou por que preenche dada função utilitária, mas por que põe em ação as operações da sedução e o inconsciente.’ (TSCHUMI.2006. p. 584)

Para este trabalho de TCC, proponho uma espécie de folie, a Torre nômade, que pretende propor estratégias de ativação do Jardim Castanheiras e também em outros terrenos baldios. A torre é um observatório, uma arquitetura da paisagem que possibilita ver os arredores sob vários pontos de vista e de maneira mais distante, ampliada.

O empréstimo do terreno deve ser negociado num acordo de comodato, um diálogo entre o proprietário, o poder público e a comunidade, concentrado sob a proposta de requalificação do espaço urbano. O terreno em questão ganharia benefícios públicos de acordo com a articulação política com a prefeitura, Iluminação, caminhos, pontos de ônibus, estruturas para lazer, uma operação urbana a transformar o local, acarretando em valorização imobiliária para toda a vizinhança.

No caso do Jardim Castanheiras, a possibilidade de troca de zoneamento nos terrenos vagos em torno desse, possibilitaria uma outorga onerosa, aonde os novos empreendimentos comerciais ajudaria a construir um espaço público na borda do empreendimento com o jardim. Há também a possibilidade de estar previsto pela prefeitura uma melhoria dos acessos, lembrando da proposta comunitária para o novo plano diretor pedir a construção de novas 'vias verdes, que passam pelo local. Essas vias verdes podem ganhar também uma borda tratada com canteiros, calçadas, ciclovias a qualificarem a região.

A torre-nômade, aqui proposta, se faz em peças desmontáveis, pilastras, painéis, caibros, lonas, lanuras⁹, os quais são encaixados com parafusos, amarrados por cordas ou simplesmente dispostos. Tais peças, em diferentes associações, possibilitam diversas formas, como um brinquedo de LEGO, onde a caixa e o manual são de uma torre, mas também se pode construir um anfiteatro, um trepa-trepa, uma estrutura para feiras, um

9. O termo lanura é sugerido pelo artista Carl Andre, em seu projeto 81 squares of steel, onde placas de aço conformam uma superfície modelável, geralmente disposta em 9x9.

espaço para churrasco de acordo com a criatividade e o contexto que venham a modelar a situação.

O aspecto simbólico buscado pela conjuntura é o de andaimes de obras, evidenciando assim o projeto como uma etapa de um processo, qual não se fixará, mais sim, encaminhará novas etapas de construção sobre o espaço. A torre-nômade é um projeto aberto, qual pode ser reconstruído, reerguido, assim como transformado, seus vazados geometrizados, são manipuláveis pelo caminhar, e jogam com o próximo e o distante, como nos trabalhos concretistas, ou como proposto pelo situacionista Constant.

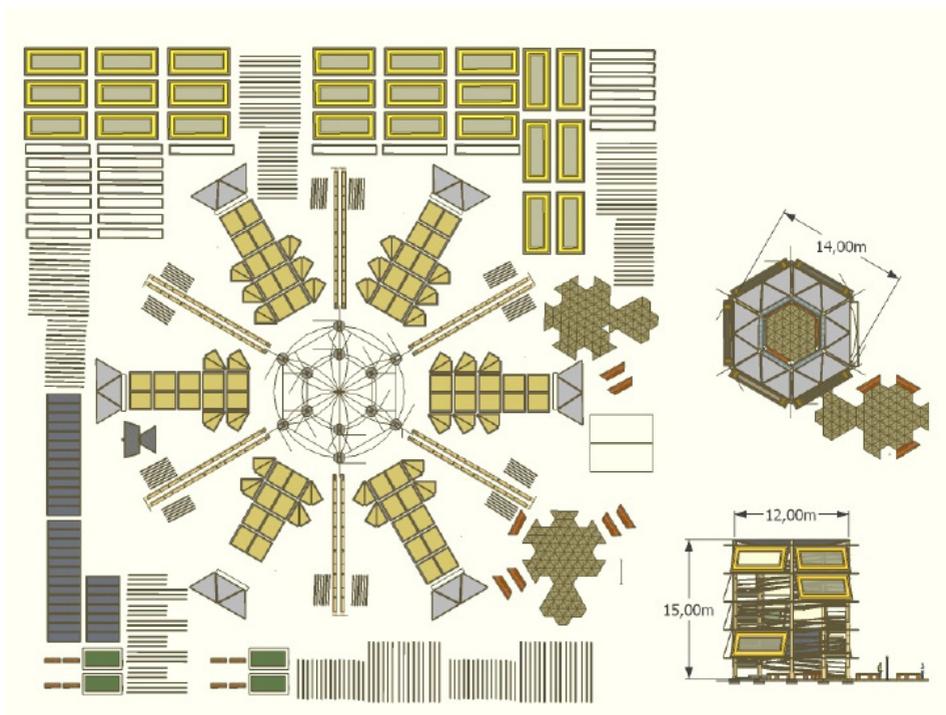
A torre eleva o cidadão a treze metros de altura, o envolvendo numa espiral com diversos pontos de vista, quadros negros para desenhos, bancos para encontros, e do alto do mirante, se avista a paisagem expandida, os maciços montanhosos, a vegetação entavada na urbe, os vazios urbanos, as estradas, enfim, um novo olhar sobre a cidade. A torre, como um marco visual, atrai a atenção, concentra o público em sua volta, em seus platôs circundantes. Ali se permite a multiplicidade e sobreposição de acontecimentos em fluxos mutantes, como encontros ao entardecer, apresentações musicais e jogos infantis, mostras de cinema ao ar livre, fatos que se repetem e marcam o espaço. A torre é um dispositivo de jardim, a disparar novos desejos.

O ático formado ao centro, com 8 metros de diâmetro, conforma um grande vazio, ali, em um painel de aço, uma parede d'água se forma captando a água das calhas e a direcionando aos receptores 'flow forms'¹⁰ dispostos no solo, os quais podem ser conectados a uma cisterna, ou simplesmente jogar a água no em um local adequado, na terra, no jardim. O enquadramento do zênite celeste faz menção a um caleidoscópio, movido pelo ato de subir e descer as rampas da torre.

10. Dispositivo 'Zen' composto por peças de captação de água, os quais se interligam desenvolvendo um movimento circular no fluxo.

O jardim em torno da torre funcionaria como 'parterre' de acontecimentos esporádicos, grandes gramados e pastos quais abrem o horizonte para apropriação cidadã do espaço. Este deve ser respeitado enquanto espaço livre, disposto a incorporação e atuação diversas, sendo que somente a partir de uma real apropriação desse espaço que esse poderá ganhar novas leituras e sobreposições situadas ao desejo coletivo. Hortas, brinquedos, bancos, canteiros, caminhos, todas criados coletivamente.

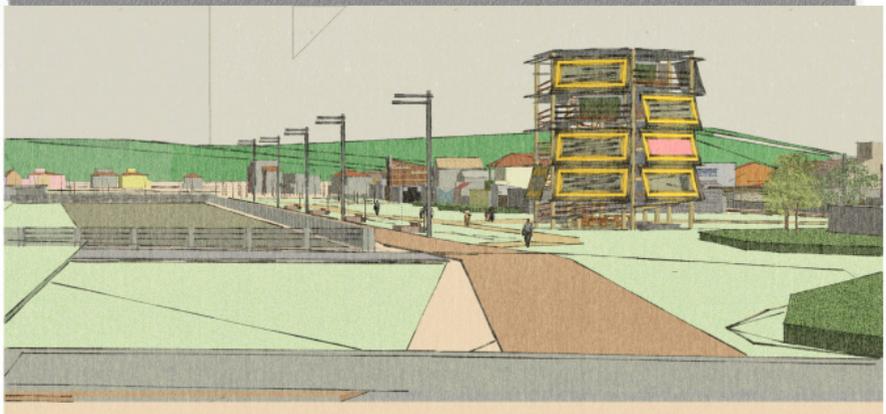
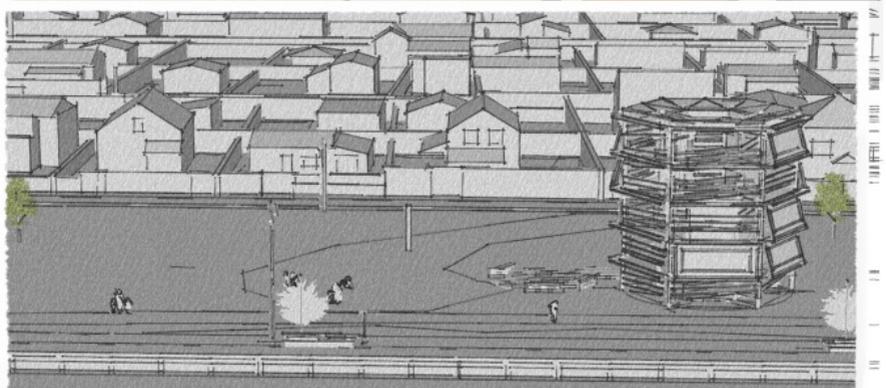
Em linhas gerais, objetiva-se o uso dos terrenos vagos como campo de percepção aberto, um observatório, circunstanciando a catalisação de apropriações criativas do espaço urbano, afirmando uma relação sensível entre cidadãos e o espaço comunitário. E quando o jardim for enfim contemplado pela comunidade, a torre se desmonta e parte.



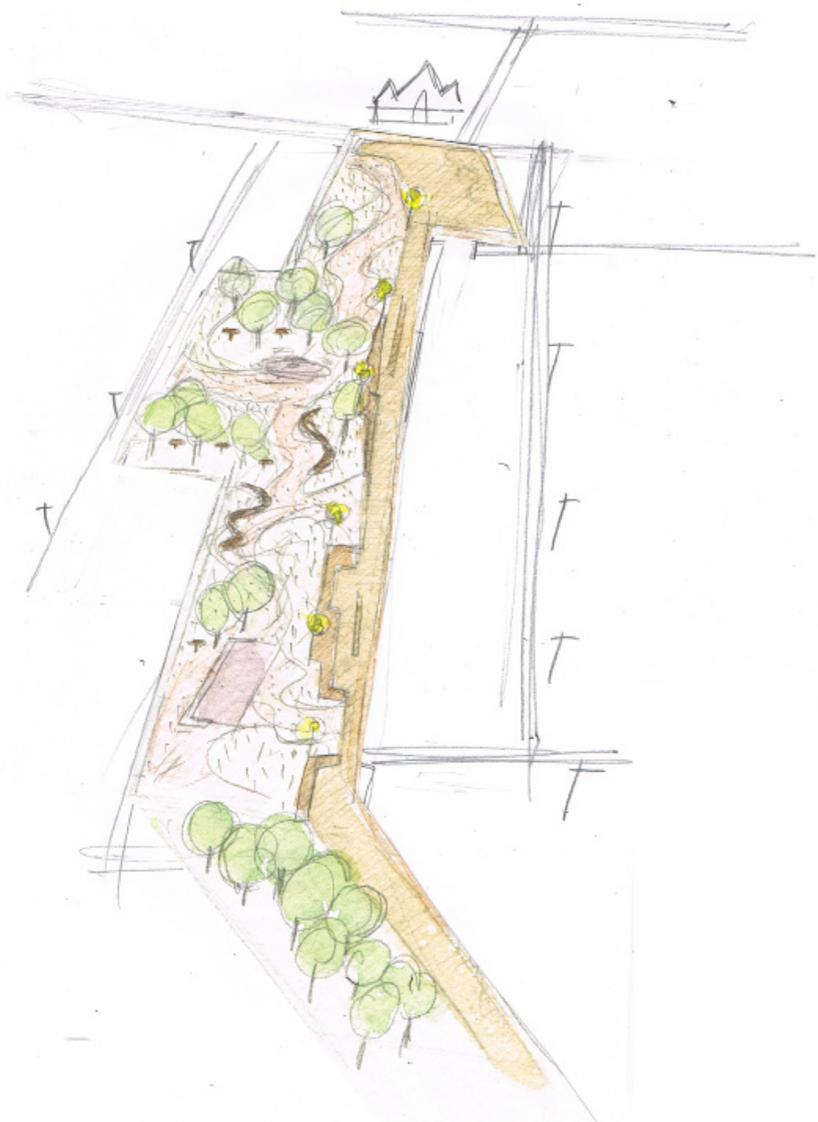
Torre-Nômade. A torre desmontada com todas as suas peças em torno da mandala que orientou o projeto.



Implantação da Torreno-Nômade no Jardim Castanheiras. mapa em escala anexo.



Vistas da Torre-Nômade in sitio.



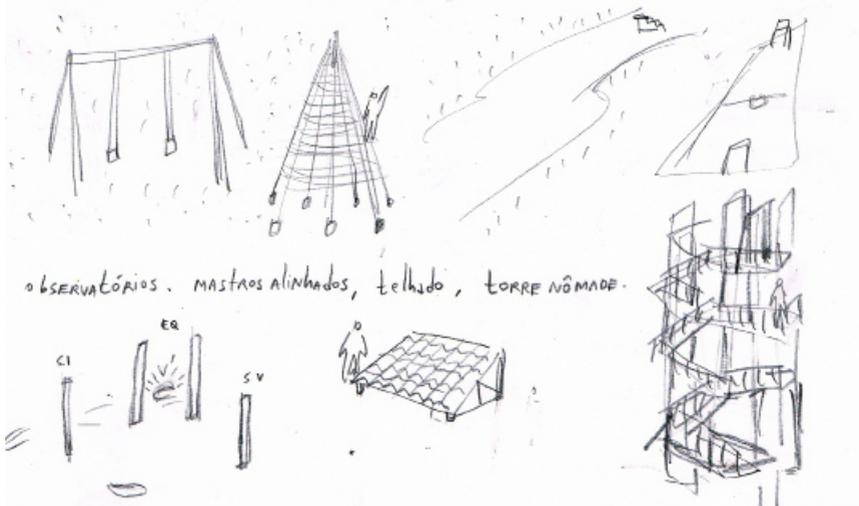
croqui de demarcação de possibilidades do Parque Jardim Castanheiras



ENTRANAS: PLATAIS, ARCOS, TUNELIS + PORTAS E JANELAS DESENHADAS NAS PAREDES LIGAS.
 CANTEIROS: ROCAMBÓLIDES, VAZOS CAIXA, ESTRUTURAS ANTI-CONCAP, LANTERNAS IMBENTRES.



ENCONTROS: PLATÔ, GEODÉSICA, BANHOS DE SUPER ADOBE, SOMBRAS DE ÁRVORES, POINEIRAS. ~ CARAMANCHÃO
 JOGOS: BALANÇO, TREPÁ-TREPÁ, PISTA DE PIPA, CAMPO DE FUTEBOL.



OBSERVATÓRIOS. MASTROS ALINHADOS, TELHADO, TORRE NÔMADE.

Possibilidades de Dispositivos de Jardim.

A abertura na composição arquitetônica do espaço, não se faz apenas na sua desterritorialização, mas também, na previsão de projetos que se transformem na medida do tempo, que possibilitem mudanças, imprevistos, adaptações, modelagens, conexões com a paisagem, utilizando-se desta.

O jardim carrega em si todos os recursos para criar essa abertura, um espaço de ordem dinâmica, fundamentado em inter-relações entre espécies, como também com o meio e seu entorno. Assim os jardins abertos, dispostos informalmente nos terrenos baldios, além de espaços propensos para pausas, respiros, silêncios e abertura visual, são espaços de possibilidades múltiplas, do imprevisto e da sobreposição de situações. No jardim aberto o paisagista lida com processos biológicos, possibilitando o que há de mais essencial no vazio, o movimento.

*

BIBLIOGRAFIA

ÁBALOS, Inãki. Mapa del Pictorico. Volume 2. Barcelona; GG, 2008.

ÁBALOS, Inãki. (org.). Naturaleza y artificio. El ideal pintoresco em la arquitectura y el paisajismo contemporáneos. Barcelona; GG, 2009.

Clement, Gilles. El jardín em movimiento. pg. 195-208.

ALEX, Sun. O projeto da praça; convívio e exclusão no espaço público. São Paulo; Editora SENAC, 2008

AMALCERGUI, Lara. Guia de terrenos baldios de São Paulo. Uma seleção dos lugares vazios mais interessantes da cidade. São Paulo; Edição da 27ª Bienal de São Paulo, 2006.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A Cidade do Pensamento Único. Petrópolis; Vozes. 2001

BENJAMIN, Walter. A Paris do segundo império em Baudelaire. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BEY, Hakim. TAZ. Zonas autônomas temporárias: Anarquismo Ontológico e Terrorismo Poético. São Paulo; Conrad, 1991.

BISHEMEIER, Maria Victoria (org.). A mata Atlântica na ilha de Santa Catarina. Florianópolis; Editora Lagoa, 2010.

- BORGES, Jorge Luis. Ficções. São Paulo; Globo, 1998.
- CARERI, Francesco. Walkscapes. El Andar como practica estética. Barcelona; GG, 2002.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço urbano - Novos Escritos Sobre a Cidade. São Paulo; Labur Edições, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo . São Paulo; Editora Hucitec, 1997.
- CAVALCANTI, Lauro. Roberto Burle Marx 100 anos; a permanência do instável. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- CLEMENT, Gilles. Manifesto del Tercer paisaje. Barcelona; GG, 2007.
- DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Felix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia Vol 5. São Paulo; Editora 34, 1997.
- DORNBURG, Julia Schulz. Arte e Arquitetura; novas afinidades. Barcelona: GG, 2002.
- FILHO, Candido Malta Campos. Cidades brasileiras: seu controle ou o caos. O que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. São Paulo; Estúdio Nobel, 1999.
- FLORIANO, César: Campo de Producción Paisagista de Roberto Burle Marx: El Jardín como Arte Pública. Universidad Politécnica de Madri. 2000.
- GANZ. Louise. Lotes Vagos; Ação Coletiva de ocupação urbana experimental. Belo Horizonte, MAP, 2009.
- JACQUES, Paola Berenstein, (Org). Apologia da deriva; escritos situationistas sobre a cidade. São Paulo: casa da palavra, 2003.
- KAREN, Aline. Collage. A colagem surrealista. revista educação UNG. Vol. 4, No 1. Guarulhos, 2009.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo expandido. Tradução Elisabeth Carbone Baez. Revista Gávea pg 87-93, Rio de Janeiro, 1985

KOWARICK, Lúcio. A Espoliação Urbana, , Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1979.

KUNSCH, Graziela (org.). Urbânia 3. São Paulo; Editora Pressa, 2008.

KWON, Miwon. Um lugar após o outro; anotações sobre Site Specificity. Revista October 80. 1997

LEENHARDT, Jacques. Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo; Perspectiva, 2006.

LE GOFF, Jaques. Por amor às cidades. São Paulo; Editora UNESP. 1998

LIMA, Débora. Ilha de Santa Catarina; desenvolvimento urbano e meio ambiente. Florianópolis; Letras Contemporâneas, 2007.

MADERUELO, Javier. La idea de espacio em la arquitectura y el arte contemporâneos, 1960-1989. Ed. Akal; Madrid, 2008.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Discutindo a Paisagem. São Carlos; Rima. 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIRANDA, Rogério. CRESCIMENTO DOS ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS EM FLORIANÓPOLIS DE 1987 A 2007. Florianópolis, 2008

Kate NESBITT. (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura. São Paulo; Cosac Naify, 2006.

NORBERG-SCHULS, Chistian. O fenômeno do lugar (1976)

ROWE, Colin e KOETTER, Fred. Cidade-Colagem (1975)

TSCHUMI, Bernard. O prazer da arquitetura. (1977)

SANTORO, Paula, CYMBALISTA, Renato (Org.). O ESTATUTO DA CIDADE: guia para implementação pelos municípios e cidadãos - versão comentada. São Paulo; Instituto PÓLIS, 2001.

SANTOS, Milton. Espaço do cidadão. São Paulo; Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo; Hucitec, 1999

SCHELLE, Karl Gottlob. A arte de passear. São Paulo; Martins Fontes, 2001.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo; Studio Nobel, 2001

Site campeche.org.br (em 15/jan/2011)

Site vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.002/997 (em 12/abr/2011)

Agradecimentos

Agradeço as crianças do NDI que passearam comigo no horto florestal durante meu estágio em artes visuais em 2010, que me mostraram como é simples se permitir o espaço do devaneio, da fantasia e às descobertas da ‘botânica’.

Agradeço àqueles que ‘brincaram de geografia’ comigo; em minha infância, juventude, meus pais, irmãos, tios, avós e primos, meu grande amigo Marcelo, e agora, em meus estudos e saídas de campo, Leandro, João, Otávio, Kota, Flávio, Fred, Pitz, Lino, Fernando, Megaron, Paolo, Regina, Letícia, Fernanda, Camila, Bruna, Luanda, Sarah, Vivi, Cecília, Erica, Renata e Nara.

Agradeço também, obviamente, por não ser tão fácil assim esquematizar academicamente tanta brincadeira, àqueles que me orientaram ao texto e ao desenho, sobretudo meus orientadores, Lino e Nara.

